Dia 30 — Santa Pelágia, Penitente

Martirológio Romano

O martírio de duzentos e vinte santos mártires, na África.

O martírio de São Marcelo, centurião, em Tânger, na Mauritânia: o qual, sendo degolado, alcançou a coroa do martírio no tempo de Agricolano, lugar-tenente do prefeito do Pretório. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os treze santos mártires que, com os santos Juliano, Euno e Macário, padeceram no tempo do imperador Décio, em Alexandria.

Santa Eutrópia, mártir, na mesma cidade, a qual, visitando os Mártires, sendo com eles cruelmente atormentada, entregou sua alma ao Criador.

São Saturnino, mártir, em Cagliari, na Sardenha; o qual na perseguição de Diocleciano, por ordem do presidente Bárbaro, foi degolado.

São Máximo, mártir, em Apaméia da Frígia, no tempo do mesmo Diocleciano.

Os santos mártires Cláudio, Lupercio e Victório, filhos de São Marcelo, centurião, em Leão, na Espanha; os quais na perseguição de Diocleciano e Maximiano foram degolados por ordem do presidente Diogeniano. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio dos santos Zenóbio, bispo, e Zenóbia, sua irmã, em Egeia, na Cilícia, no tempo do imperador Diocleciano e do presidente Lísias.

São Teonesto, bispo, martirizado pelos Arianos, em Altino.

São Lucano, mártir, em Paris. (Segundo uma antiga tradição, este Santo foi martirizado em Loigny, lugar do país de Orléans, ao princípio do século V. Suas relíquias foram depois trasladadas à catedral de Paris, cujos habitantes tinham a este Santo em extraordinária devoção e nas calamidades públicas costumavam tirar em procissão suas sagradas relíquias, junto com as de Santa Genoveva.)

São Serapião, bispo, em Antioquia, muito insigne em doutrina. (Eusébio e São Jerônimo louvam muito sua sabedoria e seu zelo pela defesa da verdade. Escreveu e publicou um livro contra Montano e outro para refutar o suposto Evangelho do apóstolo São Pedro. Morreu em paz, imperando Caracala, no ano de 211.)

São Germano, bispo e confessor, em Cápua; varão de grande santidade, cuja alma, quando ele expirou, foi vista por São Bento voar ao céu entre coros de Anjos.

São Gerardo, bispo, em Potenza, na Lucânia.

Santa Pelágia, Penitente

Pela metade do século V, isto é, pelos anos de 453, reinando o grande e religioso imperador Marciano, deu o Senhor a sua Igreja um dos mais ilustres exemplos de sua infinita misericórdia com os pecadores na pessoa de Pelágia, uma das mais insignes pecadoras que se viram no mundo.

Tendo convocado em Antioquia seu patriarca Máximo um concílio provincial de todos os bispos sufragâneos seus, concorreu a ele Nono, um dos prelados mais santos de seu século. Foi monge do célebre mosteiro de Tabenas, na Tebaida, de onde o tiraram pela fama de sua eminente virtude para fazê-lo bispo de Edessa, na Mesopotâmia, e daqui foi trasladado à sé de Heliópolis, na Síria, perto do monte Líbano, onde converteu à fé inumeráveis sarracenos e outras nações idólatras. Seus sermões faziam prodigioso fruto em todas as partes; porque nele tudo pregava, sua compostura, sua modéstia, seu semblante extenuado por suas contínuas penitências, sua humildade e até seus mesmos modos lhanos e singelos, mas sempre respeitáveis.

Um dia em que estavam sentados à porta da igreja do mártir São Juliano o patriarca, o bispo Nono e outros oito prelados dos que haviam concorrido ao concílio, rogou o Patriarca a São Nono que lhes fizesse uma espécie de prática espiritual. Executou-o ao ponto; e falou com tanta eloquência e com tanta moção que a todos os tinha como embevecidos; mas ao mesmo tempo que o estavam ouvindo com a maior suspensão, passou diante deles uma célebre cortesã chamada Pelágia. Era a primeira comediante da cidade de Antioquia, famosa por sua extraordinária formosura; mas muito mais pelas desordens de sua licenciosa vida. Chamavam-na a Margarida, que no idioma do país significava a Pérola, ou por sua rara beleza ou porque sempre se apresentava coberta de pedraria. Aquele dia havia-se adornado com todo o primor e com toda a arte que lhe pôde ditar o desejo de parecer bem. Estava soberbamente vestida; mas com tanta imodéstia como ostentação: o cabelo artificiosamente encrespado, elevada a touca com cuidadoso desdém, sem véu na cabeça e o colo, por uma e outra parte, com todo o desafogo que lhe sugeria a indecência. Ia montada numa orgulhosa mula para estar mais descoberta aos olhos e à provocação; e acompanhada de um grande séquito de donzelas e de pajens, caminhava como em triunfo por aquela grande cidade. Escandalizaram-se os Bispos e apartaram os olhos de um objeto tão perigoso como profano. Só o santo bispo Nono, contra seu costume, esteve olhando-a fixamente todo o tempo que a pôde alcançar a vista e, logo que se lhe ocultou, exclamou desfeito em lágrimas: «Ah, irmãos meus, e quanto temo que esta mulher, que põe tanto cuidado em agradar aos homens, algum dia há de ser

nossa condenação, pelo pouco cuidado que nós pomos em agradar a Deus!» Retirou-se depois à pousada com seu diácono, que escreveu toda esta história; prostrou-se em terra e, chorando, gemendo e dando-se fortes golpes de peito, dizia: «Senhor, tende misericórdia deste pobre pecador. Vede ali uma miserável criatura que gasta os dias em compor-se; que emprega o mais enganoso da arte, o mais brilhante, o mais precioso da terra para fazer-se agradável aos olhos dos homens, para deixar-se amar deles; e eu, sacerdote, eu, bispo, que cuidado ponho em adornar minha alma com a gala das virtudes? Que tempo gasto em purificar meu coração para apresentá-lo a Vós e para que mereça vosso agrado? Será possível que aquela infeliz mulher tenha mais indústria para fazer-se amar dos homens do que eu para merecer ser amado de meu Deus!» Passou o santo Bispo o restante da noite cheio de dor e de compunção, mostrando-se inconsolável por sua imaginária indolência, descuido e frieza.

Na noite seguinte teve São Nono uma misteriosa visão, que referiu a seu diácono, o qual cuidou de transmiti-la à posteridade. «Pareceu-me, disse-lhe, que, estando celebrando no altar, revoava ao redor de mim uma pomba coberta de um asqueroso lodo, que despedia de si um fedor intolerável; e por mais que eu a espantava, ela sempre me voltava a inquietar, até que o diácono disse que saíssem os catecúmenos e então também desapareceu a pomba. Depois da missa, e dadas graças, querendo voltar para casa, encontrei a mesma pomba no lintel da porta; pareceu-me que a tomei na mão e que, tendo-a metido numa grande taça cheia de água, ficou branca como a mesma neve sem rastro de mancha alguma; e tomando de repente o voo para o céu, desapareceu de meus olhos. Queira o Senhor, acrescentou o Santo, declarar-nos o que isto significa.»

O dia seguinte era domingo e, tendo-se juntado na igreja todos os Bispos para celebrar os divinos mistérios, concluído o Evangelho apresentou-se o Patriarca a São Nono e rogou-lhe que repartisse ao povo o pão da palavra de Deus, explicando-lhe o sagrado texto que se acabava de ler. O concurso era prodigioso; porque à solenidade do dia, à celebridade do concílio e com a notícia de que pregava São Nono, haviam concorrido todos os fiéis e todos os catecúmenos da cidade. Subiu ao púlpito o santo Bispo e pregou com tanta energia acerca das grandes verdades da Religião, sobre o sumo mal do pecado e o infinito tesouro da misericórdia de Deus, que todo aquele imenso auditório se desfazia em lágrimas. Achava-se ditosamente nele a famosa cortesã Pelágia, que em outro tempo se havia alistado entre os catecúmenos; mas sufocados já nela por sua licenciosa vida todos os piedosos movimentos de religião, só havia concorrido à igreja por mera curiosidade. Mas quis a Graça fazer aquela ilustre conquista e tocou eficazmente seu coração. Moveu-a tanto tudo o que acabava de ouvir que não pôde reprimir as lágrimas; e logo que o pregador se retirou a sua pousada, escreveu-lhe um bilhete nestes precisos termos:

Ao santo discípulo de Jesus Cristo, a pecadora e escrava do demônio

Tenho ouvido dizer que teu Deus desceu do céu à terra para a salvação dos homens e que aquele a quem os Querubins não se atrevem a olhar por respeito se dignou conversar com os pecadores e

com os publicanos, sem desdenhar-se de falar com uma samaritana e com uma insigne pecadora. Se és discípulo de tal Mestre, não desprezes uma infame cortesã como eu sou e não me negues o bem e o consolo de ter contigo uma conferência para poder achar graça por teu meio com Jesus Cristo nosso Salvador.

Mostrou-se pasmado Nono quando leu esta carta e, temendo algum laço do demônio pelo artifício de uma mulher tão perigosa, respondeu-lhe que Jesus Cristo, seu divino mestre, não ignorava o que ela era e conhecia perfeitamente todo o interior de seu coração: que quanto ao mais não pretendesse tentá-lo, pois, ainda que era servo de Deus, era pecador e tinha muito conhecida sua miséria; e enfim, que, se sua intenção era santa, lhe poderia falar quando quisesse; mas não a sós, senão em presença de todos os Bispos. Logo que Pelágia recebeu esta resposta, voou à igreja de São Juliano e, encontrando-o entre os demais Prelados do concílio, arrojou-se a seus pés em presença de todos, regou-os com suas lágrimas, que derramava a torrentes, e com voz angustiada, interrompida de soluços e suspiros, pediu-lhe o Batismo. Representou-lhe o santo Bispo que os sagrados cânones proibiam administrar este Sacramento aos pecadores públicos e especialmente a uma pública cortesã como era ela, enquanto não renunciassem sua vida licenciosa e não dessem provas suficientes de não voltar a atolar-se em suas antigas desordens. Pelágia, que se mantinha sempre prostrada aos pés do santo Bispo, respondeu-lhe: «Pai, minhas lágrimas são as melhores fiadoras da sinceridade de minha conversão; e pois Deus me conduziu a teus pés, querendo servir-se de ti para lavar-me de meus pecados, olha que não te peça conta de que dilates mais tempo admitir-me no número de suas esposas.» Conheceu o Santo por suas instâncias a sinceridade de sua mudança; e sendo de parecer todos os Bispos que não devia negar-lhe o que pedia com tais mostras de contrição e com tão exemplar perseverança, não pôde resistir mais a concedê-lo. Entretanto deu-se parte ao Patriarca de tudo o que se passava e pediu-se-lhe sua permissão para administrar-lhe os Sacramentos, rogando-lhe ao mesmo tempo que elegesse alguma virtuosa matrona para cuidar de tão ilustre neófita. Admirado o Patriarca de tão não esperada conversão, deu mil graças ao Senhor e rogou a uma virtuosa senhora por nome Romana, muito conhecida em toda a cidade por sua eminente virtude e por seu contínuo exercício em todo gênero de boas obras, que tomasse a seu cargo aquela nova ovelhinha que ia entrar no rebanho, querendo ser sua madrinha. A virtuosa senhora, fora de si de gozo pela ocasião que se lhe vinha às mãos de exercitar-se em tão boa obra, correu à igreja de São Juliano e abraçou ternamente a ditosa Pelágia. Depois que São Nono lhe explicou os principais mistérios de nossa Religião, de que já se achava bastantemente instruída, perguntou-lhe como se chamava: «Meus pais, respondeu, me deram o nome de Pelágia; depois, ou por minha vaidade ou pela riqueza de minhas joias, deram em chamar-me Margarida; tu, pai meu, poderás pôr-me o nome que melhor te parecer.» Fez-lhe São Nono os exorcismos acostumados; e tendo-a batizado com o nome de Pelágia, confirmou-a e deu-lhe a sagrada Comunhão. Diz o historiador de sua vida que, quando o santo Bispo voltou para casa, depois de uma função tão cheia de consolo, não cabendo no peito a alegria, disse a seu diácono: «Irmão caríssimo, este dia é muito solene para nós; não o tenho tido de mais gosto em toda a minha vida e assim é mister que tudo cheire a festa; hoje, contra nosso costume, hás de guisar os legumes com azeite e havemos de beber um pouco de vinho.» Logo que se sentaram à mesa fez o demônio um espantoso ruído na pousada, ouviram-se uivos, gritos formidáveis e entre eles uma triste e pavorosa voz que dizia: «Oh, e o que me faz padecer este maldito velho! Não lhe bastava haver convertido e batizado trinta mil sarracenos e depois toda a cidade de Heliópolis? Não contente com todas estas conquistas que tens feito a teu Deus à minha custa, vens agora a tirar-

me uma cortesã que ela só me desquitava de todas as minhas perdas: não rebentarás tu, velho maldito!» Conhecendo o Santo o artifício do demônio, não fez mais que rir-se e fazer o sinal da cruz, com o que o fez calar e o lançou dali.

Entretanto, restituída Santa Pelágia a sua casa como uma nova criatura, repartiu entre os pobres todas as suas joias e todos os seus bens sem reservar nada para si e deu liberdade a todos os seus escravos. Aquelas primeiras noites teve muito que padecer do espírito das trevas; mas instruída de seu santo diretor, com o sinal da cruz e com os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria, pôs em fuga todo aquele exército infernal.

Oito dias depois deixou a túnica branca, trocando-a por um cilício, e coberta com um manto que lhe deu o santo Prelado saiu secretamente da cidade de Antioquia; tomou o caminho de Jerusalém e foi-se encerrar numa gruta do monte das Oliveiras, onde todos a tiveram por um solitário jovem chamado Pelágio, e com este nome fez uma vida muito penitente, entregue às maiores austeridades e passando-a em contínua oração. Concluído o concílio de Antioquia, retirou-se São Nono a Heliópolis sem descobrir a ninguém o paradeiro de sua ilustre penitente, ainda que já o sabia por divina revelação. Seu diácono Jacó, que o acompanhou ao concílio e nos deixou escrita toda esta história, desejou ir em peregrinação a Jerusalém e pediu licença ao santo Bispo. Deu-lha São Nono; mas encarregou-lhe que, ao chegar à santa cidade, se informasse de um solitário chamado Pelágio que habitava no monte das Oliveiras; e que não voltasse sem trazer-lhe notícias dele. Jacó não se esqueceu do encargo e, logo que chegou a Jerusalém, perguntou pelo solitário Pelágio. Disseram-lhe que era um anjo em carne mortal; assombro de todo aquele país por sua eminente santidade e tido por prodígio de penitência; que depois de quatro anos que se havia encerrado numa espécie de sepultura só se alimentava de algumas raízes insípidas que brotavam no deserto, sem outra conversação que com Deus e com os Anjos. Partiu Jacó a ver o santo solitário e achou-o numa celinha aberta no mesmo penhasco, sem outra abertura que a de uma janelinha, a qual estava quase sempre fechada. Como ia no conceito de encontrar-se com um homem, não lhe passou pela imaginação que pudesse ser Pelágia. Por outra parte estava a Santa tão desfigurada, os olhos tão fundos e tão apagados com suas lágrimas, o semblante tão seco e tão descarnado ao rigor de suas penitências, a tez e o ar tão alterado e tão mudado que lhe seria impossível conhecê-la, ainda quando tivesse ido com aquela dúvida. Disse-lhe Jacó que vinha da parte do bispo Nono, cujo diácono era ele: «Nono é um santo, respondeu a Santa, e dize-lhe que me encomende a Deus»: com o que fechou prontamente a janela; e Jacó ouviu que começou a rezar a tércia. Voltou-se este a Jerusalém cheio de admiração e de consolo por haver visto aquele prodígio e, depois de haver visitado os Santos Lugares, como também muitos mosteiros, onde não se falava de outra coisa que da santidade do solitário Pelágio, não quis restituir-se à Síria sem havê-lo visitado segunda vez; chegou à cela, fez ruído para que o ouvissem e, vendo que ninguém aparecia, exclamou: «Servo de Deus, faze-me a caridade de deixar-te ver.» Como ninguém respondesse, voltou no dia seguinte e, sucedendo-lhe o mesmo, repetiu o mesmo no terceiro dia, no qual, vendo que tampouco lhe respondiam, teve a curiosidade de assomar pela janelinha, que estava entreaberta, e viu que estava morto o imaginado solitário. Acudiu prontamente a dar parte do que se passava aos solitários do contorno e todos concorreram a fazer com o cadáver os últimos ofícios. Forçou-se a porta e tirou-se o santo corpo para embalsamá-lo; mas todos ficaram admiravelmente surpreendidos quando se reconheceu que era mulher a que se cria homem, e logo

se ouviu exclamar de todas as partes: «Sede eternamente louvado, meu Deus, que tendes tantos tesouros escondidos na terra; não só entre os homens, mas também no sexo mais débil e mais delicado.» Espalhada a voz daquela maravilha por toda a comarca, concorreu em tropel, assim a gente de Jerusalém como inumeráveis religiosas que estavam nos mosteiros das planícies de Jericó e às margens do Jordão, todas com velas acesas, cantando hinos e assistindo a suas exéquias, celebrando-se estas com a maior solenidade; e desde aquele tempo foi muito célebre em toda a Igreja o nome de Santa Pelágia. Sucedeu esta morte tão preciosa aos olhos do Senhor no mês de outubro pelos anos de Cristo 468, e seu santo corpo, muitos séculos depois de sua morte, foi trasladado à França e depositado no mosteiro de Jouarre, em Brie, diocese de Meaux, onde se celebra sua trasladação no dia 12 de junho. (O Martirológio Romano faz menção de Santa Pelágia aos 8 de outubro: veja-se.)

São Marcelo Centurião, Mártir

São Marcelo, centurião, cuja memória tem sido sempre célebre na Espanha assim pela heroica fortaleza com que sustentou a defesa da fé como por haver sido pai de não poucos valorosos filhos que deram muita honra a nossa Igreja com os gloriosos triunfos que conseguiram dos pagãos, tem-se por tradição dos séculos passados que nasceu na cidade de Leão, que depois foi cabeça e corte do reino de seu nome, e que nela floresceu na profissão militar no tempo do presidente Anastásio Fortunato, que a governava e foi o que o enviou a Aurélio Agricolano, vigário do prefeito Pretório na cidade de Tingi ou Tânger, na África, onde foi martirizado.

Era São Marcelo centurião, isto é, cabeça de cem ou de cento e dez soldados de uma das legiões romanas, quer fosse da segunda Trajana, como se lê nas atas que publicaram Barônio e Ruinart, quer da sétima Gêmina, de que falaremos depois, como conjetura Risco, por haver residido ordinariamente em Leão. Era casado com Santa Nônia ou Nona. D. Lucas de Tuy diz que tiveram doze filhos todos mártires: Cláudio, Lupercio, Victórico, Facundo, Primitivo, Emetério, Celedônio, Servando, Germano, Fausto, Januário e Marcial. No Antifonário gótico de Leão, que se escreveu antes daquele Bispo, contam-se somente os nove primeiros. Os breviários antigos de Compostela e de Évora nomeiam os doze com D. Lucas de Tuy; e geralmente se crê na Espanha que estes Santos tiveram doze filhos mártires, se bem nos nomes deles não concordam todos.

No ano, pois, de 298 do Senhor, sendo imperadores Diocleciano e Maximiano e cônsules Anício Fausto II e Severo Galo, a 21 de julho celebrou-se a exaltação de Maximiano Hercúleo ao império. Nesta solenidade os soldados ofereciam sacrifícios aos deuses. E para que fosse mais solene a função, o presidente Anastásio Fortunato fez publicar um edito pelo qual mandava que todos os povos da província concorressem a Leão o dia que assinalou para a festividade. Marcelo, estando diante das bandeiras de sua legião, lastimado de ver tanta gente entregue à idolatria, à vista de todos tirou o cíngulo ou banda militar e disse: «Eu só sirvo a Jesus Cristo, Rei dos reis e Senhor dos senhores; pelo que desisto de servir aos Imperadores e desprezo vossos deuses, que são uns ídolos mudos e surdos. Se é tal a condição dos soldados que hão de ser compelidos a sacrificar aos deuses falsos, vede como arrojo o cíngulo e insígnias militares.» Dizendo isto arrojou também o sarmento que levava na mão como divisa de seu emprego ou grau e as armas.

Deixou atônitos os soldados a resolução de Marcelo; mas como suas vozes e seus feitos abominavam a solenidade de um ato que criam ser o mais aceito aos príncipes do mundo, prenderam Marcelo e apresentaram-no a Fortunato, fazendo-lhe relação de tudo o ocorrido. Deu por então ordem o Governador que o pusessem no cárcere até que se concluíssem os regozijos da função e, finalizados estes, fez que comparecesse ao consistório onde tinha seu tribunal. Perguntou-lhe Fortunato cheio de ira: «Que causa tiveste para arrojar o cíngulo militar, procedendo nisto contra as ordenanças a que estás obrigado?» E revestido Marcelo daquele valor e daquela fortaleza que formam o caráter dos heróis do cristianismo, respondeu-lhe em presença de todo o povo: «A causa é que, sendo como sou cristão, não posso servir senão a Jesus Cristo, Filho de Deus onipotente: por isto me despojei das insígnias militares, que parecem obrigar a prestar sacrifício a umas deidades quiméricas, como são as que vós adorais.» — «Eu não posso dissimular tua temeridade, seguiu Fortunato, da qual darei parte ao César, enviando-te por ora a meu principal Agricolano.» — «Faze o que te parecer, contestou Marcelo; com o bem entendido que aonde quer que vá farei a mesma confissão de meu Senhor Jesus Cristo.»

Enviou com efeito Fortunato Marcelo carregado de prisões à metrópole da Mauritânia, onde à sazão se achava Agricolano e, tendo chegado àquela cidade, depois dos inumeráveis trabalhos e incomodidades que padeceu na dilatada distância que há desde Leão a Tânger, deu-se parte ao Prefeito de que o governador de Leão lhe enviava um homem chamado Marcelo. Célio, soldado do mesmo exército, levou o processo. Agricolano mandou a um de seus oficiais ler em alta voz o processo, que estava concebido nestes termos: «Anastásio Fortunato, presidente da legião Trajânica, ao D. S. Aureliano Agricolano, prefeito da Mauritânia, da Espanha e da França: Este soldado chamado Marcelo, da ordem dos centuriões, tendo arrojado o cíngulo militar, protestou diante do povo que é cristão: falou muitas blasfêmias contra nossos deuses e os Césares; pelo que to dirigimos para que mandes observar o que determine V. Celsitude. VALE.»

Lido que foi o processo, perguntou Agricolano a Marcelo: «Que furor te preocupou para arrojar as insígnias militares e para proferir semelhantes expressões?» — «Não há furor algum nos que temem ao Senhor, respondeu o Santo»; e querendo o Prefeito certificar-se da verdade, continuou o interrogatório, perguntando-lhe: «Falaste com efeito as palavras que constam nas atas proconsulares? e arrojaste as armas?» E contestando-lhe assim o famoso Centurião, Agricolano pronunciou contra ele a sentença seguinte: «Porque Marcelo, centurião, depôs o cíngulo militar, quebrantando o sacramento ou juramento de sua profissão publicamente; porque blasfemou dos deuses e dos Césares; e porque se ratificou nas palavras cheias de furor que contêm as atas do tribuno, convém que seja decapitado.» Ouviu Marcelo sem a menor alteração a injusta providência do Prefeito e, mostrando-se agradecido, disse: «Agricolano, Deus te faça bem e tenha misericórdia de ti.» E conduzido ao lugar do suplício e posto em oração, foi degolado no mesmo dia em que entrou em Tânger e foi apresentado no tribunal. As atas de nossas igrejas dizem que foi apresentado no tribunal o dia 29 de outubro, princípios do século IV; mas as que publicaram Barônio e Ruinart dizem que o 30. O escrivão que assistiu a este juízo tinha por nome Cassiano; admirado da constância de Marcelo e enojado contra a crueldade de Agricolano, atirou contra o chão o livro e a pena com que escrevia e respondeu ao Presidente, que lhe fez cargo daquele atentado, que não tinha mais causa para esta ação que a execrável sentença que acabava de ouvir contra Marcelo. Mandou-o encarcerar e, tendo ele confessado a fé, no mesmo sítio onde foi executada a sentença de Marcelo foi degolado, contra ele e pela mesma causa, o dia 3 de

dezembro.

Os Cristãos recolheram o venerável corpo do ilustre Mártir no silêncio da noite e, tendo-o embalsamado, deram-lhe sepultura com a cautela que permitiam aquelas idades calamitosas.

Muito presto se estendeu por todo o mundo a glória deste martírio. Fazem dele memória Adão e Usuardo e Wandelberto, que floresceu pela metade do século IX. Este último escritor acrescenta, sem apoio nenhum, que junto com Marcelo padeceram outros duzentos e vinte mártires africanos. Nossa Igreja muito de antigo celebra sua festa. O hino de vésperas que em seu ofício conserva o Breviário gótico é justamente louvado por sua elegância. Em Leão celebra-se sua festa o dia 29 de outubro; em outras partes, hoje. Esta variedade pende da que há nas atas acerca do dia de seu martírio.

Depois que D. Afonso o Católico lançou os mouros de Leão, edificou-se naquela cidade uma igreja com a advocação de São Marcelo. Edificou-a D. Ramiro I fora dos muros, junto à porta que se chamou Cauriense e depois Cureses, entre o antigo mosteiro de São Miguel e o dos mártires Santo Adriano e Santa Natália. Reedificou-a em fins do século XI o bispo D. Pedro, e junto a ela se erigiu um hospital que ainda existe. Esta igreja esteve em poder dos reis até D. Sancho o Gordo, que fez doação dela à catedral de Santa Maria de Regla. Acha-se também com título de mosteiro no Necrológio antigo Legionense. Agora é paróquia e tem a boa ventura de possuir o corpo do santo Mártir, trazido de Tânger a Leão no tempo dos Reis católicos no ano de 1493 pela diligência de certo presbítero chamado Isla. Não longe desta igreja há um oratório reverenciado por tradição como sítio onde esteve a casa do santo Mártir.

Santa Nona ou Nônia

Nossos historiadores têm comumente recebido que o santo mártir e centurião Marcelo, cuja história precede, foi casado e teve por mulher a Santa Nona ou Nônia, como outros escrevem. Não há notícias particulares desta Santa em escrituras antigas e só se sabe dela o que tem conservado a tradição, que o Ilmo. Trujillo, bispo de Leão, refere deste modo: «A nobre e bem-aventurada Nônia foi mulher do valoroso centurião São Marcelo, mártir. Tiveram os dois, do matrimônio, doze filhos, que todos morreram com insignes martírios em poder de cruéis tiranos pela fé de Jesus Cristo. E há de crer-se que quem tão bom marido teve e tão santos filhos criou, que ela fosse santíssima mulher, e que quem tão bem os havia criado e doutrinado para a morte por Cristo os imitaria e animaria como a Macabeia e as santas Sinforosa e Felicidade aos seus. Traspassou-lhe as entranhas o cutelo de dor, porque viu a morte de seu marido e de alguns filhos. E vendo-se já só (como em Leão é tradição muito recebida), pediu a nosso Senhor que se servisse de que acabasse com esta vida e a levasse a gozar de seus infinitos bens com seu marido e filhos. Concedeu-lho Nosso Senhor e foi servido sumi-la na terra, onde ficaram por sua memória e lembrança nesta cidade um poço e uma pequenina ermida e altar, que têm sustentado esta tradição juntamente com uma irmandade antiga de confrades honrados dela, que tem sua advocação e fundação daquela ermida.» Vaseo faz também memória desta tradição citando a L. Marineo Sículo, o qual no

liv. 5 de Rep. Hisp. põe um capítulo em que trata de São Marcelo e Santa Nona, atribuindo-lhes onze filhos mártires. Diz logo da mãe o que se segue: «*Quos cum S. Nona vidisset extinctos, unicum filium parvulum brachio complexa, flexis genibus, et multis perfusa lachrymis Deum oravit, ut eam cum filio a vitae periculis eriperet. Et cum hoc dixisset, repente lacus exortus est, qui statim matrem cum filio divinitus absorbuit. Cujus aquam bibentes infirmi sanantur, ubi Legionensis civitas circa lacum templum ædificavit, quod S. Nonæ dicitur.*» (Quando Santa Nona viu mortos os seus, abraçando com o braço o filho único pequenino, de joelhos e banhada em muitas lágrimas, rogou a Deus que a livrasse com o filho dos perigos da vida. E, tendo dito isto, de repente brotou um lago que ao ponto absorveu por vontade divina a mãe com o filho. Bebendo de sua água, curam-se os enfermos; e a cidade de Leão edificou junto ao lago um templo que se diz de Santa Nona.) (Risco, t. 34, pág. 350.)

Os Santos Cláudio, Lupercio e Victórico, Mártires

Todos os filhos do esclarecido mártir São Marcelo se derramaram pela Espanha, à exceção dos três cuja festa celebramos neste dia, Cláudio, Lupercio e Victórico, a quem chamam outros Victório; dos quais consta com maior certeza haver pertencido a esta santa família. Ficaram, pois, em Leão, pátria sua, onde padeceram pela fé com invencível constância. O caso passou-se desta maneira: Quando Diocleciano e Maximiano publicaram a perseguição contra a santa Igreja, achava-se em Leão o Prefeito da província e presidente da legião sétima Gêmina, uma das instituídas por César Augusto. Desde logo mandou este Ministro que todos os vizinhos daquela cidade se juntassem a oferecer sacrifícios aos ídolos num dia e sítio determinado. Não pôde ocultar-se nesta ocasião a virtude e doutrina que resplandecia nestes três santos irmãos, educados nela desde sua terna idade por São Marcelo e Santa Nona, seus pais. Tendo entrado o Prefeito no pretório, que estava à parte meridional da cidade, disse que nela sabia haver alguns inimigos do culto dos deuses e que mandava que lhos apresentassem. Como não os denunciava pessoa alguma, ninguém lhe respondia. Estreitando ele mais seu mandato, foram à casa dos três mancebos, que estava perto da porta Cauriense, onde há agora um oratório. Acharam-nos orando e preparando-se para a perseguição que os ameaçava. Chegados ao pretório e perguntados pela religião que seguiam, a uma disseram ao Prefeito: «Que motivo tens tu para mandar que sejamos apresentados a tua audiência? Os três que vês diante de teu tribunal estamos aparelhados a perder a vida em honra da beatíssima Trindade. Pergunta o que quiseres, que prevenidos nos tens a cumprir aquele oráculo divino que diz: o que tem idade fale por si; e o mesmo Deus, em quem confiamos, nos dará palavras e sentenças para responder-te.» Disse-lhes o Prefeito: «Sendo os Imperadores obedecidos de tanta gente, só de vós hão de ser desprezados?» Responderam eles: «Tu crês que os três sós resistimos a vossa infidelidade e idolatria, porque, não tendo senão os olhos da carne, não podes ver como nós a inumerável multidão de Anjos que, longe de adorar vossos falsos deuses, os olham com abominação e menosprezo.» — «E em quem confiais vós?» disse o Presidente. — «Se desejas saber isso que perguntas, responderam os Santos, podemos e queremos ensinar-te uma verdade a mais digna de entender-se. Nossa confiança está colocada em Deus Pai onipotente, que fez o céu e

a terra com tudo o que contêm, e em Jesus Cristo seu único Filho, e no Espírito Santo, que são um só Deus em Trindade de pessoas. Esta fé e confiança nos dá força para que, postos nesta peleja, possamos vencer os tormentos, o poderio dos Imperadores romanos e a ti, a quem eles constituíram neste emprego de presidente.» E como o Prefeito em sua réplica injuriasse a lei de Jesus Cristo, dando-lhe o nome feio de perversidade, disseram os Santos: «A perversidade não está em nossa lei, mas em ti, que negas a teu Criador e te glorias de pôr teu amor nas criaturas. Nós não sabemos nem podemos temer a morte destes corpos miseráveis, mas só a da alma, cuja vida não cai sob a potestade e jurisdição de vossos Imperadores. Assim, não tardes em fazer de nós o que pensas e o que te inspira teu pai o diabo: que dispostos estamos a padecer por Cristo, que a ti e a teus Imperadores condenará ao fogo eterno.»

Grandemente se enojou o Juiz com esta resposta; mas não querendo pô-los em ocasião de que campeasse sua constância e fossem outros por este meio convertidos à fé, mandou que os degolassem. Os santos mancebos, ouvida a sentença, encheram-se de júbilo e deram glória a Deus que os escolhia para padecer por seu nome. Chegados ao lugar do suplício, despiram-se e ofereceram suas roupas aos ministros de justiça e, postos de joelhos e louvando a nosso Senhor, cortaram-lhes as cabeças o dia 30 de outubro do ano 303. Seus corpos foram enterrados no mesmo sítio por alguns cristãos parentes seus que viviam no arrabalde de Leão.

É crível que, vinda a paz à Igreja no império de Constantino, procurariam os fiéis daquela cidade dar a estes servos de Deus o culto que se tributava a outros Mártires, erigindo algum templo sobre seu sepulcro. Mais adiante se fundou naquele sítio um célebre mosteiro, de cujo princípio nada se sabe. Só consta que existia já quando os Arianos tinham apestada nossa Península. Nele viveram monges de esclarecida santidade todo o tempo que durou o reinado dos godos. Na entrada dos mouros em Leão foi quase de todo ponto destruído, se bem as sagradas relíquias se conservaram no mesmo lugar sem ser trasladadas como o foram outras às Astúrias.

Conquistada aquela cidade por D. Afonso o Católico, parece que se reedificou esta igreja de São Cláudio; mas como estava fora dos muros, não se sabe se por negligência ou por alguma ruína imprevista veio ao chão toda a igreja, à exceção da capela e altar principal, onde estavam colocados os corpos dos santos Mártires. Assim permaneceu até o reinado de D. Ramiro II, o qual a suas expensas fez outra nova igreja, adornando-a com as alfaias correspondentes. Desde a conquista pertenceu aquela igreja ao senhorio dos reis. Durou isto até D. Ordonho III, o qual doou a igreja e suas posses ao bispo D. Gonçalo e sua catedral. Foi isto pelos anos de 954. Talvez desde este tempo se introduziu em São Cláudio a vida monástica. Milagrosamente preservou Deus este lugar da profanação com que Almançor tratou algumas igrejas daquele reino desde a primavera do ano 996. Ia ele a entrar a cavalo naquele templo com ânimo de tirar violentamente algumas gentes que nele havia e no átrio ou cemitério dele rebentou seu cavalo; com o que aterrado, ainda que era infiel, ofereceu sua mesma tenda e doze capas de tela muito preciosa e outros dons aos Santos que ali se veneravam (cujo sucesso se vê pintado ao lado do sítio onde se conservam as relíquias dos mesmos Santos e na sacristia do mesmo mosteiro se mostra um pedaço do caparazão do cavalo, que é de brocado azul e de lavor árabe). Este sucesso infundiu tal espanto no ânimo de Abdelmelique, filho de Almançor, que, sem embargo de vir sobre a cidade de Leão com ânimo de assolá-la, não ousou tocar esta santa casa, olhando-a como defendida por uma virtude oculta.

O mosteiro permaneceu em pé como o estava o ano 1007, segundo consta de uma escritura que nele se outorgou em abril do mesmo. Mas os sagrados corpos permaneciam ocultos debaixo de terra até fins do ano 1173, em que, tendo ido a Leão o cardeal Jacinto, legado de Alexandre III, aproveitando-se de tão boa ocasião o rei D. Fernando II e o bispo Legionense D. João e o abade de São Cláudio D. Pelágio e toda a cidade, pediram-lhe que elevasse e colocasse em mais decente lugar as santas relíquias. Fez-se esta trasladação com assistência dos arcebispos de Santiago e Braga e de outros muitos bispos e abades, ficando colocados os corpos dos Mártires sobre o altar da mesma igreja. Dos milagres que neste dia obrou Nosso Senhor por intercessão de seus servos falam as atas dos mesmos Mártires.

Desde muito antigo se fazia hoje festa na Espanha a nossos Santos. A igreja de Palência a antecipou ao dia 24 por celebrar no dia 30 o triunfo da Cruz na famosa vitória que os Cristãos alcançaram de Albohacen às margens do rio Salado, de onde se deu nome àquela batalha. (Risco, tomo 34.)

Santo Astério, Bispo e Padre da Igreja

Dos escritos deste santo Prelado sabemos que em sua juventude se aplicou ao estudo da eloquência e das leis e que assistiu por algum tempo ao foro. Mas o amor de Deus não cessava de levantar em seu interior uma voz que continuamente o incitava a dedicar-se de todo ao serviço espiritual do próximo. Em obediência a este chamamento renunciou a sua profissão e às honras do mundo e fez-se clérigo. Por morte de Eulálio, bispo de Amaseia, foi unanimemente colocado na sé metropolitana. Zeloso sempre da pureza da fé católica, ensinava suas santas máximas e trabalhava continuamente em inspirar a sua grei o perfeito espírito de religião. Ele se apresentava em meio de seu povo como um vaso escolhido cheio do espírito aquele de cujos derrames participava todo o seu povo, como o pinta São Gregório. Santo Astério recomenda em seus Sermões a esmola com uma energia que não deixa dúvida de que a caridade com os pobres era sua virtude favorita. A avareza, a luxúria e todos os demais vícios os pinta com uns coloridos que, pondo a clara luz sua deformidade, inspira aos homens um total aborrecimento. Viveu este Santo até uma idade muito avançada: fala da perseguição de Juliano como testemunha de vista e sobreviveu ao ano de 400; porque num sermão Contra as calendas, que pregou no dia de ano novo, diz que Eutrópio era cônsul no ano anterior, que foi o de 399. Esforça altamente seu zelo contra os jogos daquele dia, derivados do paganismo, e declama contra os excessos que com o pretexto de ano novo se cometiam. Os antigos chamam bem-aventurado a Santo Astério e doutor divino, que como astro brilhante havia espargido luz em todos os corações.

Vários sermões de Santo Astério existem todavia, que, ainda que poucos, são um monumento imortal de sua grande eloquência e gênio, não menos que de sua piedade. Suas reflexões são justas e sólidas; e a expressão natural, elegante e animosa: abunda de vivas imagens e descrições

tanto de pessoas como de coisas, que formoseia com agudas comparações. Descobre nestas uma força grande de imaginação, um gênio mestre e dominante e que move as molas mais íntimas da alma. Sua homilia sobre Daniel e Susana é uma peça mestra de oratória. Na que escreveu sobre São Pedro e São Paulo ensina e repete muitas vezes a prerrogativa de jurisdição que recebeu São Pedro sobre todos os cristãos do Oriente e do Ocidente; e diz que o mesmo Cristo o fez seu vigário e o deixou por pai, pastor e mestre de todos os que abraçassem sua fé. Em seu panegírico de São Focas, mártir em Sinope, estabeleceu manifestamente a invocação dos Santos, a honra devida a suas relíquias, as peregrinações para orar em seus sepulcros e os milagres obrados por aquelas. No sermão Sobre os santos Mártires diz: «Nós conservamos por séculos seus corpos decentemente custodiados como prendas as mais preciosas: vasos de bênção; órgãos de suas almas bem-aventuradas; tabernáculos de seus santos espíritos. Pomo-nos sob sua proteção. Os Mártires defendem a Igreja como os soldados uma cidadela. O povo acode em tropel de todas as partes e honram suas tumbas guardando suas festividades. Todos os que padecem aflições acodem a eles por refúgio. Empregamo-los como intercessores em nossas súplicas e orações. Nestes refúgios se curam as enfermidades, se apaziguam as ameaças dos príncipes, tudo se remedeia.» Descreve o Santo a grande magnificência e concurso do povo com que se celebravam as festas dos Mártires em todo o mundo. Diz que os gentios e os eunomeanos, a quem chama novos judeus, condenavam a honra devida aos Mártires e a suas relíquias: e responde a seus argumentos que os Cristãos de nenhum modo adoram os Mártires, mas os honram como adoradores que são e foram do verdadeiro Deus. Que têm seus corpos em ricas urnas ou sepulcros, para estimular-nos à imitação de suas virtudes. Nem esta devoção nossa deixa de ter sua recompensa, porque gozamos de sua poderosa intercessão com Deus, etc. Acrescenta que os eunomianos não honram os Mártires, porque blasfemam do Rei dos Mártires mesmos, fazendo a Cristo desigual ao Pai. Diz-lhes que deviam eles ao menos respeitar a voz dos demônios mesmos, que se veem obrigados a confessar o poder dos Mártires. «Aqueles, diz, a quem temos ouvido ladrar como cães e que têm estado possuídos de um frenesi e voltam ao uso de seus sentidos, provam com suas caras quão poderosíssima é a intercessão dos Mártires.» Conclui, pois, este sermão com um apóstrofe devoto e cheio de confiança aos Mártires mesmos. (Veja-se Fócio, *Bibl. Cod.* 274: Butler.)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Pelágia, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Pelagiæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi-nos, ó Deus, salvação e vida nossa, para que, assim como a solenidade de vossa bem-aventurada Pelágia nos dá uma verdadeira alegria, assim experimentemos também o fervor de uma santa devoção. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da de São Paulo aos Efésios.

Efésios 5,15-17

> **Latim:** 15 Videte itaque, fratres, quomodo caute ambuletis : non quasi insipientes, 16 sed ut sapientes : redimentes tempus, quoniam dies mali sunt. 17 Propterea nolite fieri imprudentes, sed intelligentes quæ sit voluntas Dei.

Português: 15 E assim vede, irmãos, de que modo andais sobre aviso: não como insipientes, 16 mas como sabios: remindo o tempo, pois que os dias são máos. 17 Por tanto não sejais imprudentes: mas entendei qual he a vontade de Deos.

Reflexões

«Resgatando o tempo, porque os dias são maus.» Compra-se o tempo quando se sacrificam a quietude, as conveniências, os bens e os gostos desta vida para lograr tempo de vagar ao negócio da própria salvação, que é o único necessário deste mundo. Tudo se conjura para roubar-nos um tempo tão precioso, ou ao menos para fazer-nos perdê-lo; nossos amigos, nossos inimigos, o cuidado do corpo, dos bens, dos empregos e dos negócios. Estamos expostos a mil perigos, a mil tentações, a mil escândalos. Nossa aplicação, nossa ânsia e nosso grande negócio deve ser resgatar, conservar, ganhar este tempo tão precioso que se nos foge com tanta rapidez. Não é nosso o tempo desta vida: estamos nela como forasteiros e como caminhantes; aproveitemo-nos dele com prudência; governemo-lo com economia; resgatemo-lo à custa de tudo o mais. O tempo perdido nunca volta; mas aproveitando bem o que nos resta, podemos recompensar-nos do que se perdeu no passado. São poucos os que conhecem quanto vale o tempo desta vida. Mas que se faz deste precioso tempo? Os mais não sabem que fazer dele e só discorrem o modo de perdê-lo. Por isso há tantos ociosos, tantos enfastiados com sua mesma ociosidade. Não há coisa mais longa que o tempo para os que o perdem: não a há mais passageira nem mais veloz para os que o aproveitam. Contados estão nossos dias; neste punhado deles podemos fazer nossa fortuna para o céu e para a eternidade. Coisa verdadeiramente estranha! Essas mulheres profanas, cuja vida se reduz a uma perpétua cadeia de passatempos, de jogos, de diversões e de ociosidade, não têm outro tempo para trabalhar em sua salvação que esse mesmo que perdem. Cai alguma perigosamente enferma, ao ponto se chama a toda pressa o confessor; recorre-se aos santos Sacramentos; procuram-se atropeladamente aproveitar aqueles momentos fugitivos, com uma razão e com uma religião, digamo-lo assim, meio apagadas, e tudo para solicitar a salvação naquele resíduo de tempo, havendo-se perdido miseravelmente o da vida muito a sangue frio e com inteira reflexão de querer perdê-lo. O tempo futuro não está em nossa mão; está unicamente

na de Deus, que nos concedeu o tempo presente como um talento de que nos há de pedir estreita conta. Não esperemos conhecer o que vale o tempo quando já seja inútil este conhecimento. Nossa ânsia por aproveitá-lo bem deveria igualar a velocidade com que corre. Não há maior desconsolo nem maior desesperação que a dor de haver perdido o tempo quando já o tempo se foi e já não há mais tempo para nós.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 7 de São Lucas.

Lucas 7,37-38

> **Latim:** 37 Et ecce mulier, quæ erat in civitate peccatrix, ut cognovit quod accubuisset in domo pharisæi, attulit alabastrum unguenti : 38 et stans retro secus pedes ejus, lacrimis cœpit rigare pedes ejus, et capillis capitis sui tergebat, et osculabatur pedes ejus, et unguento ungebat.

Português: 37 E no mesmo tempo huma mulher peccadora, que havia na cidade, quando soube que estava á meza em casa do Fariseo, levou huma redoma de alabastro cheia de balsamo: 38 e pondo-se a seus pés por detrás d'elle, começou a regar-lhe com lagrimas os pés, e os enxugava com os cabellos da sua cabeça, e lhe beijava os pés, e os ungia com o balsamo.

Meditação

Da necessidade da conversão

Primeiro ponto

Considera que é artigo de fé que Deus quer sinceramente a conversão do pecador. «Não quero a morte eterna do pecador, diz o Senhor por seu Profeta; o que quero é que, convertendo-se de todo coração e fazendo penitência, viva eternamente no céu: *Sed ut magis convertatur et vivat.*» Grande consolo é saber que verdadeiramente quer Deus minha conversão e que, por grande pecador que seja, quer absolutamente que me converta. Por mais pecados que haja cometido, quer Deus voltar-me a sua amizade, restituir-me a sua graça, perdoar-me e ainda esquecer todos os meus pecados, só com que me converta deveras. Para isto tenho necessidade de sua graça, e uma grande graça; mas ele quer dar-ma, ele mo oferece, posto que quer minha conversão sinceramente. Será possível que, estando em minha mão converter-me, só eu não queira minha

conversão? E é preciso que não a queira, posto que não me converto. Diz-se comumente que bem quisera um converter-se; mas efetivamente não quer o que diz quisera. Quisera fazê-lo, se estivesse já desgostado daquele mau costume; quisera-o, contanto que nada custasse à inclinação e ao amor-próprio; quisera-o, se não fosse mister fazer-se violência; se se rompessem por si mesmas as cadeias que nos têm aprisionados, se tudo estivesse fácil e aplanado: mas enquanto há algo que vencer só se tem uma vontade condicionada, uma meia vontade. Quer-se converter; mas imperfeitamente, sem ter nada que sacrificar e sem que nada lhe custe: isto em bons termos é não querer converter-se. Daqui nasce o que se vejam o dia de hoje tão poucas conversões, ainda que há tantas gentes com tão grande necessidade de converter-se e que dizem que o querem. Essas meias vontades entretêm e amodorram o pecador, mas não o convertem.

Segundo ponto

Considera que é muito curto o número dos que querem sinceramente converter-se. Tratando-se de converter-se perfeitamente, quer-se e não se quer; nem ainda se sabe bem o que se quer; porque muitas vezes nada menos se quer que aquilo mesmo que mais se afeta querer. Eternamente andamos regateando com Deus; sempre se lhe retém algo do que se lhe prometeu; sempre se consulta sobre o que nos pede e sempre se lhe disputam seus direitos, buscando-se interpretações benignas para explicar em nosso favor sua vontade. Medem-se escrupulosamente todos os passos, como se temêssemos empenhar-nos demasiado. Ah, Senhor, e procede-se com o mesmo tento quando um homem se perde, entregando-se livremente ao mundo, aos passatempos, à licença dos costumes, às desordens e à dissolução? Teme-se então empenhar-se demasiadamente no mundo e naquela infeliz carreira que conduz à perdição eterna? E será possível que por Deus e pela salvação sempre se há de crer que se faz demasiado, ou ao menos que se faz bastante! E bem, meu Deus, que é o que tememos? Tememos entregar-nos todos a Vós demasiadamente? E não por certo porque não estejamos bem persuadidos de que esta ditosa entrega seria utilíssima para nós; mas se receia dar este passo porque a tibieza de uma desmaiada fé debilita a confiança; desconfiamos muito porque vos amamos pouco. Sentir-se-ia romper com todos os laços que nos têm aprisionados no mundo e por isso nos contentamos com fazer pedaços alguns. Mas a verdadeira conversão não entende de covardes contemporizações, não dá quartel a essas irreligiosas partilhas. Como Deus é seu móvel, seu único fim e seu princípio, tudo lhe sacrifica, paixões, amor-próprio, honra, interesses e vida. Faz pedaços as cadeias, reduz a cinzas todos os laços que a aprisionavam a incêndios do divino amor que anima, por dizê-lo assim, toda conversão verdadeira. Não se dá ouvidos aos gritos das paixões nem aos costumes mais inveterados, só se presta atenção à voz de Deus.

Dignai-vos, Senhor, fazer-me percebê-la, pois estou bem resolvido, mediante vossa divina graça, a ouvi-la com docilidade. Já não direi jamais: Eu me converterei: a mudança de minha vida, a reforma de meus costumes e minha humilde penitência vos dirão daqui em diante que por vossa infinita misericórdia estou já convertido.

Jaculatórias

Converte-me, Senhor, e me converterei; porque tu és meu Deus e meu Senhor. (Jr 31.)

Converte-nos, ó Deus Salvador nosso, e aparta tua ira de nós. (Sl 84.)

Propósitos

1. Não basta fazer belos planos de conversão se não se aplicam meios seguros e eficazes para pô-los por obra. Propósitos sem efeito são resoluções vãs que só servirão para nossa condenação. A conversão sincera e eficaz é inseparável da penitência real e efetiva; os frutos desta provam a verdade daquela. Converte-te desde este mesmo dia e desde logo faze frutos dignos de penitência. Se tens necessidade de uma confissão geral, começa a dispor-te para ela desde hoje e não o dilates para amanhã. Se é mister romper algum laço, fugir de alguma ocasião, por aqui hás de começar; desde hoje mesmo hás de deixar essa visita, essa conversação, essa concorrência; assim obra o que verdadeiramente quer converter-se.

2. Mas a conversão não só pede cortar o mal; também requer que se faça o bem. Dá princípio por aqueles exercícios de cristão em que tanto te tens descuidado até agora: ouvir missa, rezar o rosário, visitar os altares, um pouco de oração e outras certas devoções e boas obras que te convêm muito, sem esquecer-te de visitar todas as tardes o santíssimo Sacramento. Esta é uma das mais proveitosas devoções. Dá também algumas mostras de tua particular devoção à santíssima Virgem; além do rosário que lhe deves rezar todos os dias, visita cada semana aquela igreja ou aquela capela em que é particularmente reverenciada.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:10 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:10 by Admin